

## Referências

- ANTOR, Heinz; BROWN, Sylvia; CONSIDINE, John; STIERSTORFER, Klaus (Hg.). *Refractions of Germany in Canadian literature and culture*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2003.
- CONSIDINE, John. Introduction. In: ANTOR, Heinz; BROWN, Sylvia; CONSIDINE, John; STIERSTORFER, Klaus (Hg.). *Refractions of Germany in Canadian literature and culture*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2003.
- COSER, Lewis A. Introduction: Maurice Halbwachs, 1877-1945. In: HALBWACHS, Maurice. *On collective memory*. Ed., transl., and with an introduction by Lewis A. Coser. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- FREUND, Alexander. Troubling memories in nation-building: World War II-memo-ries and Germans' interethnic encounters in Canada after 1945. *Historie sociale/Social History*, Winnipeg, v. 39, n. 77, May 2006.
- FREUND, Alexander. A Canadian family talks about Omas life in Nazi Germany: three-generational interviews and communicative memory. *Oral History Forum D'histoire Orale*, Ottawa, n. 29, 2009.
- GEORGI, Viola B. *Enfliche Erinnerung. Geschichtsbilder junger Migranten in Deutschland*. Hamburg: Hamburger Edition, 2003.
- HARZIG, Christiane. When you are a new immigrant you are just half and half: the process of becoming Canadian among post-world-war-two German immigrants. In: STROBEL, Christina; EIBL, Doris (Ed.). *Selbst und Anderer/S. Von Begegnungen und Grenzzeichnungen: feministische Arbeiten im Rahmen der Kanada-Studien* (Beiträge Zur Kanadistik, Bd. 7). Augsburg: Wißner, 1998. p. 66-79.
- LEH, Almut. Ethical problems in research involving contemporary witnesses. Trans. Edith Burley. *Oral History Forum D'histoire orale*, Winnipeg, n. 29, 2009.
- NIETHAMMER, Lutz; PLATIO, Alexander von (Hg.). *Lebensgeschichte und Sozialkultur im Ruhrgebiet 1930-1960*, 3 Bde. Berlin, Bonn: Dietz, 1983.
- PAPE, Ulrike. *In der Ferne zu Hause: soziobiografische Studien zu Motivation und Lebenssituation deutscher Kanada-Auswanderer von 1983 bis heute*. Universität Göttingen: Diplomarbeit, 2006.
- PLATIO, Alexander von. Contemporary witnesses and the historical profession: remembrance, communicative transmission, and collective memory in qualitative history. Trans. Edith Burley. *Oral History Forum D'histoire Orale*, Ottawa, n. 29, 2009.
- WELZER, Harald et al. *Opa war kein Nazi: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis*. Frankfurt: M. Fischer, 2002.

## 2. Imagens de si e do outro: interpretação de fotografias e fontes orais em estudos migratórios

Meri Frotscher

Com a intensificação das migrações internacionais, não somente trabalhadores, mercadorias, informações e tecnologias, mas também imagens de si e do “outro”, produzidas a partir do ponto de vista do migrante, circulam cada vez mais e de forma mais ágil entre as fronteiras nacionais. Fotografias tornaram-se há tempo parte das experiências migratórias. Com o avanço da tecnologia, elas assumiram novas funções e significados e, por conta disso, sua interpretação constitui um desafio para a compreensão das trajetórias de migrantes na era global.

Neste artigo, discutiremos algumas possibilidades de interconexão de fotografias de migrantes e fontes orais. Algumas questões norteiam nossa análise: que relações podem ser estabelecidas entre fotografias – em suporte digital ou não – e migrações internacionais contemporâneas? Como fotografias podem ser usadas em entrevistas de história oral? De que maneiras esses olhares constroem culturalmente o “outro” ou mesmo o produzem? O artigo não pretende responder exaustivamente a todas as perguntas acima, mas, com base nelas, apresentar algumas possibilidades de produção e análise de fontes orais e visuais em estudos migratórios.

As fotografias de migrantes são aqui entendidas enquanto “artefatos culturais” que pertencem ao mundo compartilhado dos indivíduos e dos grupos sociais (GEERTZ, 1973). Assim, as fotografias podem ser tomadas como traduções visuais de “realidades” distintas,

como suportes de memórias e representações sobre a alteridade. Há muito tempo a noção de realidade enquanto reflexo do real implodiu nas ciências humanas e sociais. A própria fotografia, antes considerada (mais) capaz de reproduzir uma realidade, é tratada enquanto uma possível representação da “realidade”.

Este artigo é baseado em dois estudos de caso sobre a emigração temporária de jovens trabalhadores do Oeste do Paraná. Sul do Brasil, para a Áustria e a Suíça, desde os anos 1970 (FROTSCHEK, 2007; 2008b). As entrevistas foram realizadas após o retorno deles ao Brasil e tiveram duração, em geral, de uma hora e meia, quando também foram mostradas e comentadas fotografias tiradas naqueles países.

As migrações a trabalho para a Áustria e para a Suíça, objeto desta investigação, muito embora temporárias, apresentam algumas especificidades e diferenças entre si. Os que migraram para a Suíça, a maioria filhos de pequenos agricultores, trabalharam legalmente em propriedades rurais familiares através de contrato de 18 meses estabelecido com a Agropuls, uma entidade ligada à Schweizerischer Bauernverband (Liga Suíça de Agricultores). Oficialmente são reconhecidos como “estagiários” (*Praktikanten*), através do que se justifica a estadia e a jornada de trabalho, superior à exercida normalmente pelos trabalhadores suíços. Para os empregadores, essa mão de obra é mais barata que a suíça, mas para os “estagiários” essa é uma forma de ganhar mais dinheiro do que no Brasil e de adquirir novas experiências de vida. A referida entidade arremonta mão de obra no Brasil há mais ou menos quarenta anos. Os pré-requisitos para participar do programa são idade de 18 a 30 anos, conhecimento da língua alemã, francesa ou inglesa e experiência na agropecuária (FROTSCHEK, 2009). Brasileiros são selecionados em áreas de produção agropecuária com maior concentração de descendentes de alemães, sobretudo no Oeste dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná. Durante a pesquisa no Oeste do Paraná, pudemos perceber uma migração em corrente numa vila, Dez de Maio, onde realizamos a maior parte da pesquisa de campo.

Os que migraram para a Áustria em geral trabalharam ilegal-

mente, exercendo atividades que não exigiam qualificação profissional, principalmente em indústrias, restaurantes e construção civil. A maioria tinha documentos de identidade falsos de algum país da União Europeia (com ou sem o nome verdadeiro), outros permaneceram no país como turista. A maioria dos entrevistados possuía a cidadania austríaca. No caso da Áustria, houve um fluxo migratório de brasileiros do Oeste do Paraná a partir do início dos anos 2000, por causa da atuação de mediadores dessa região que providenciavam papéis falsos e indicavam empregos (sobre esse fluxo migratório, a disputa entre brasileiros no mercado de trabalho na Áustria e suas experiências de fronteira, sejam jurídicas, socioeconômicas, culturais, ver Frottscher (2008a)).

Nesses dois casos de migração temporária, pudemos observar que alguns entrevistados, depois da primeira estadia naqueles países, iniciaram uma migração pendular. A diferença entre os dois fluxos migratórios se deve menos ao país de destino e mais ao tipo de estadia, legal ou ilegal, e de ocupação laboral.

As narrativas orais e visuais desses entrevistados configuram olhares sobre a alteridade, os quais fixam fronteiras entre o “lá” e o “aqui”. São olhares de emigrantes provindos de um país emergente e que se dirigiram a países europeus por conta das diferenças socioeconômicas e do desejo de acúmulo rápido de capital para melhor viver financeiramente no Brasil após o retorno. Eles migram, retornam e migram novamente dependendo das situações e possibilidades nos países de origem e de destino. Trata-se de correntes migratórias causadas não somente pelas desigualdades socioeconômicas vividas no capitalismo globalizado contemporâneo, motivações pessoais também constituem um *push factor* relevante.

Discutiremos o tema das migrações internacionais a partir da perspectiva dos estudos culturais dedicados à questão da identidade e da diferença. As fotografias e os relatos orais e escritos de migrantes podem configurar imagens da alteridade e, assim, concomitantemente, expressar uma autorrepresentação de si e da cultura

e sociedade de origem, uma vez que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (WOODWARD, 2000, p. 39). Na discussão sobre migrações e diferença, também nos parecem frutíferas as ideias formuladas por Homi Bhabha, teórico dos estudos pós-coloniais. Esse autor discute o processo de articulação de diferenças culturais, as quais “fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHA-BHA, 2003, p. 20). De acordo com Stuart Hall (2003), diante da globalização e da dispersão das pessoas pelo mundo, não cabe polarizar, de um lado, a cultura nacional e, de outro, as minorias, ou contrapor dominantes e dominados. Cabe analisar, segundo o autor, como se constituem sujeitos através dos atos de enunciação. A globalização tem reproduzido diferenças dos mais variados tipos e resultado em diversos processos relacionados à construção, negociação e dissolução de identidades. Novas identidades nacionais surgem, outras são abandonadas, negociadas, contestadas. No lugar de uma identidade una, surgiu a noção de identidades plurais, múltiplas e fragmentadas nas ciências humanas e sociais, cada vez mais dedicadas à relação entre o global e o local e à constituição de identidades transnacionais. Levando isso em conta, podemos analisar os diferentes elementos constituidores de identidades entre os sujeitos de migrações internacionais no século XXI. Olhares de migrantes sobre a cultura e sociedade de destino e suas relações com as autorrepresentações serão discutidos a seguir.

#### Olhares de migrantes

Instigados a separar fotografias que marcaram suas estadias no exterior, muitos entrevistados escolheram imagens que retratavam diferenças geográficas, como paisagens espetaculares. Não são essas as imagens que nos interessam aqui, mas as que expressam diferenças sociais, materiais e culturais.

A fotografia abaixo, por exemplo, foi escolhida por Pedro Bernardi<sup>116</sup> para compor seu álbum de fotografias disponível no Orkut, a rede de relacionamentos da internet mais popular no Brasil na época da entrevista.

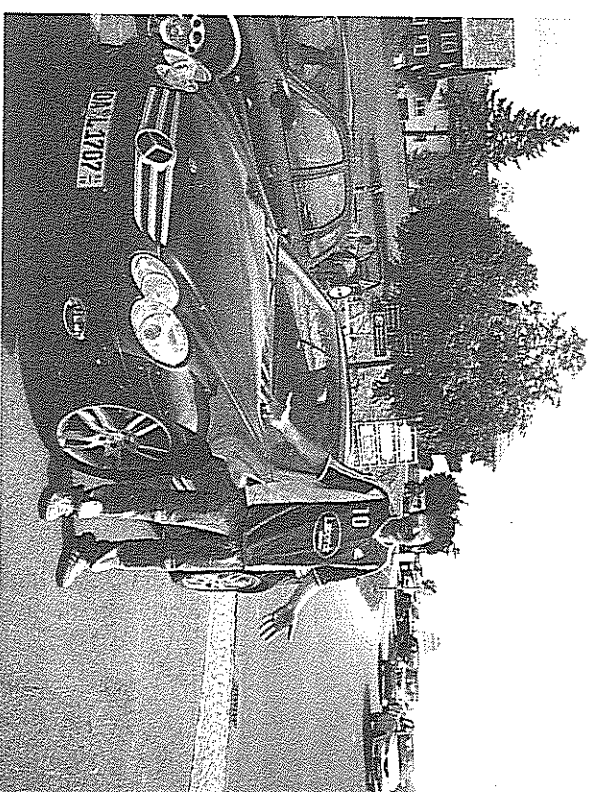


Figura 2 – Sonho de consumo (Bezaú, Áustria)  
Fonte: acervo pessoal do entrevistado

O gesto de Pedro chama a atenção para o Mercedes modelo esportivo. A foto expressa a impossibilidade de comprar aquele carro luxuoso, mas também o seu sucesso como jovem empreendedor no Brasil. Essa última ideia aparece num detalhe na estampa da camiseta de futebol, uma propaganda da pequena empresa de sua família no Brasil, financiada através da emigração. Além do progresso financeiro, a camiseta expressa sua paixão pelo futebol e o sonho inicial de poder morar na Áustria como jogador profissional. A carreira

<sup>116</sup> Entrevista realizada com Pedro Bernard (nome fictício), em Marsechal Cândido Rondon, em 2007, por Méri Frotscher.

de jogadores de futebol brasileiros na Europa lhe provava que esse sonho poderia ser possível. No Brasil, Pedro havia chegado a participar de campeonatos de futebol suíço na categoria infantojuvenil em nível estadual.

Nesta análise, cabe refletir sobre as motivações de fotografias de migrantes no exterior. No caso acima, mais do que um *souvenir* para si próprio, a foto foi produzida para ser mostrada a outrem. Essa função é reforçada pela legenda que a acompanha: “fase (sic) o quê???”<sup>117</sup> Ela sugere alguns elementos para uma melhor aproximação aos sentidos da fotografia. As duas possibilidades de interpretação não se excluem: o sonho impossível de ser conquistado e a simulação da posse daquele produto de luxo. A fotografia expressa, portanto, de um lado, os sonhos de consumo do migrante e, de outro, a consciência do seu lugar ocupado na hierarquia socioeconômica na Áustria. As entrevistas com Pedro e com outros migrantes confirmam esses sonhos e também a existência dessa consciência.

Não cabe considerar essa fotografia como expressão de uma “realidade” do país de destino do migrante. A *performance* junto ao Mercedes pode ser associada às expectativas de um típico trabalhador brasileiro no exterior. A foto expressa não apenas o “Eu estive aqui”, mas também o sonho que move muitos migrantes brasileiros na Europa. A visualização da paisagem ao fundo da fotografia prova ao espectador o primeiro passo do seu sucesso fora do Brasil: viver num país onde carros luxuosos são comuns. Nesse sentido, a fotografia expressa uma teatralização das diferenças socioeconômicas entre os países de origem e de destino. Ela põe duas sociedades em diálogo. Através dos gestos e do olhar para a câmera, Pedro “anima” a cena fotografada e, assim, dialoga com o espectador.

A fotografia é plausível e compreendida pelo espectador brasileiro, pois a composição, os gestos e os símbolos nela presentes dialogam com diferenças e carências vividas no Brasil e com precon-

cepções existentes sobre a Europa. Isso porque a imagem, segundo Luciana Bittencourt (1998, p. 205), aponta “não só para uma memória que lhe é intrínseca, mas também evoca, especialmente, uma memória que lhe é externa, a memória do espectador”. Ainda segundo a autora, “as imagens fotográficas funcionam como molduras referenciais em que a realidade social e o contexto cultural são compartilhados” (BITTENCOURT, 1998, p. 209).

Essa fotografia digital, disposta na internet, demanda também analisar seus usos e sua circulação. Câmeras digitais facilitam o processo de escolha da imagem que melhor cabe ao fotógrafo, o qual, nesse processo, elimina rapidamente as que não lhe agradam. No caso da fotografia acima, ela foi escolhida e também incluída numa rede de relacionamentos na internet, na qual todos podem visualizá-la. Tecnologias modernas, associadas a redes de relacionamento na internet, facilitam a composição e a circulação de autoimagens como a acima.

Tais imagens nos parecem apropriadas também para discutir os usos e funções sociais da fotografia digital em contextos migratórios. Através de fotos digitais, os migrantes hoje podem “mostrar” suas experiências no exterior a um público mais abrangente. Frequentemente fotos são enviadas via *e-mail* ou fazem parte de *blogs* ou perfis de redes de relacionamento. Ao contrário de gerações anteriores, as quais mantinham contato com parentes e amigos de forma mais cara e lenta, através de cartas, as novas gerações têm a chance, através da internet, de manter contato com um público mais abrangente e até mesmo desconhecido. É interessante lembrar que o contato com o lugar de origem é muito importante para os migrantes temporários e as fotografias são um dos meios utilizados para esse fim. Para os destinatários brasileiros, tais fotos são um suporte para imaginar o país de destino do migrante e, muitas vezes, permitem amadurecer a ideia de seguir o mesmo caminho.

Atualmente praticamente o mundo inteiro está conectado à internet. Por meio dela, os migrantes podem compartilhar mais facilmente e rapidamente suas novas experiências no novo local

117 Além de usar linguagem coloquial, comum nos *e-mails*, chats e redes de relacionamento na internet, Pedro troca a letra “z” pela “s” na conjugação do verbo fazer, o que revela seu grau de escolarização.

de moradia. Além dos contatos existentes, a internet tem também facilitado ao usuário achar pessoas com as quais há muito tempo não tinha mais contato e até ajuda mesmo na prática do flerte. Um desempenho atraente através de fotografias postadas em redes de relacionamento é uma boa base para isso.

Se considerarmos a facilidade de disponibilização de autoimagens através da internet, podemos também refletir melhor sobre o papel da fotografia na construção e expressão de subjetividades e no estabelecimento de novas relações intersubjetivas na era da revolução digital. As fotografias são um meio para a afirmação de identidades, através de *performances* e, muitas vezes, de exibicionismos. As imagens podem ser objeto do voyeurismo contemporâneo que rompe os limites entre a esfera pública e privada. Isso não é apenas aceito, mas muitas vezes desejado por vários usuários. Embora nosso objetivo não seja discutir as razões e consequências do uso de redes de sociabilidade na internet, acentuamos que tais redes acompanhadas de fotografias e *chat rooms* apresentam novas problemáticas também para os estudos migratórios.

Sabemos que as imagens são sempre abertas à interpretação. No caso da fotografia acima, nos interessa captar os sentidos dados a ela pelo próprio entrevistado. Nosso primeiro contato com Pedro ocorreu quando visitava a família e a namorada nas férias no Brasil, momento em que o entrevistamos. Na ocasião tomamos conhecimento daquela e de outras fotos postadas em seu perfil na internet. Por que e como tais fotografias podem ser conectadas a fontes orais será discutido mais adiante.

No Brasil, antes da migração, Pedro havia concluído o ensino secundário e trabalhava como garçom. Como não pretendia cursar ensino superior ou ensino profissionalizante, o encontro com um tio que há dois anos trabalhava na Áustria lhe pareceu uma possibilidade de abandonar o emprego que não lhe oferecia perspectivas de futuro. Após encaminhar documentação para obter a cidadania austríaca, com base nos seus ascendentes, partiu sozinho para uma pequena

cidade do estado de Vorarlberg, Áustria. Logo abandonou seu projeto de ser jogador de futebol profissional e conseguiu, com a ajuda do tio, um emprego como ajudante numa fábrica, com o propósito mais realista de economizar dinheiro. No momento da entrevista, ainda trabalhava naquela fábrica. Dois anos mais tarde, voltou ao Brasil, onde atualmente ajuda a administrar o comércio da família.

O propósito de acumular bens é acentuado na entrevista através da repetição insistente da palavra “objetivo” para expressar sua permanência naquele país. Tal fato coincide com a associação sugerida pela fotografia:

Mas é que nem eu falo, as pessoas que tão lá, tão com um objetivo, normalmente tão com um objetivo. Também tem brasileiros que gostam e ficam por lá mesmo. Isso é difícil, mas também tem. Mas normalmente vai com um objetivo. Se tu tem um objetivo, se tu quer, tu consegue. É assim mesmo, se tu põe um objetivo na tua vida... senão a vida não teria graça, né. É uma experiência ímpar, você tá saindo fora do país, então tu coloca um objetivo, se tu não coloca um objetivo, a tua vida também não vai ter graça assim, né. O pessoal tá trabalhando e tal, mas você não vai ter lazer e tal, né. Mas tu tem que colocar um objetivo, se tu não coloca um objetivo, então daí tu fica... que nem eu falo, se tu não colocar um objetivo: “ah, vamos economizar e tal pra investir lá”<sup>118</sup>

A estadia naquele país, embora temporária, é interpretada como um projeto pessoal necessário e uma experiência-chave para sua vida. Nesse e noutros momentos da entrevista, ele procurou destacar o papel da migração no seu amadurecimento pessoal. Outros migrantes com experiências migratórias similares durante a juventude também representaram a migração como um “divisor de águas”, uma prova de maturidade.

Assim como a análise de fotografias é baseada não somente nos

118 Entrevista com Pedro Bernard (nome fictício). Ver nota 118.

119 Expressão utilizada pelo entrevistado Gilson Meier (nome fictício). A entrevista foi realizada em Toledo, Paraná, em 2009, por Méri Frotscher e Diná Schmidt.

elementos visíveis, também a prática da história oral exige a leitura subliminar. A estrutura da entrevista e os elementos da narrativa denotam como o entrevistado interpreta seu passado. Ao repetir a palavra “objetivo”, por exemplo, Pedro não apenas expressa a razão de sua migração, mas também seus esforços em permanecer na Áustria. As horas extras, a consequente falta de tempo para turismo e lazer, a saúde dos amigos e da namorada aparecem na entrevista reconhecidas pelo capital economizado, com o qual disse comprar terrenos e investir na empresa da família. Seu posicionamento em relação ao trabalho e à vida no exterior explica comportamentos considerados imprescindíveis a quem deseja se tornar um “empreendedor”. O orgulho em relação às conquistas é expresso também através da camiseta que aparece na fotografia, como visto. A fotografia e a fonte oral mostram a autoimagem de um jovem independente e ambicioso que acredita nas possibilidades do capitalismo. Importante destacar que a entrevista foi feita enquanto Pedro ainda trabalhava na Áustria, o que ajuda a explicar a coincidência dos sentimentos expressos na imagem e na fonte oral.

Fotografias como a analisada demonstram a especificidade da linguagem visual na expressão de expectativas e representações de emigrantes brasileiros. Entretanto, sem a entrevista de história de vida seria impossível captar os sentidos da fotografia para o migrante. O exemplo nos mostra, portanto, como fotografias e fontes orais podem complementar umas às outras. Mas isso não quer dizer que as fontes orais devam ser consideradas meros complementos para a análise de fotografias ou vice-versa. A interconexão de ambas nos possibilita muito mais, como buscaremos explicitar nas páginas que seguem.

O exemplo dado, baseado especificamente em fotografia digital, pode ser confrontado com exemplos de épocas anteriores, quando os meios e ritmos de veiculação de imagens e informações eram outros. O exemplo a seguir nos instiga a pensar sobre as implicações do avanço tecnológico para as experiências dos migrantes.

Em Dez de Maio, distrito da área rural de Toledo-PR, percebe-

mos, durante o trabalho de campo, em algumas famílias, o fenômeno da migração em corrente para a Suíça desde os anos 1970. O distrito foi fundado nos anos 1950 por agricultores oriundos principalmente do estado do Rio Grande do Sul. Geraldo, um ex-“estagiário” da Agroimpuls, filho de uma família de “pioneiros” do distrito, interpreta sua experiência naquele país acentuando a diferença tecnológica entre aquela época e a atual:

[...] naquela época o Brasil também era diferente, nós não tinha telefone, eu não liguei nenhuma vez pra casa, pra mim telefone era coisa nova [...] a distância tecnológica era diferente, não tinha ordenha, ordenhadeira, não tinha tanque de puxar esterco, aqui na região não tinha trator, lavam começando os tratores. [...] a comunicação com casa era só carta. Eu taria curioso se hoje esses que vão pra lá ainda escrevem carta. Nem manda, manda muito pouco, carta, eu acho. Hoje, quando a gurizada volta da Suíça, não tem novidade pra contar. Mostram [já antes] lá as fotos com a internet, mostram tudo, daí não tem novidade pra contar quando volta. Ninguém sabia certo [quando eu fui], só sabia que eu tinha embarcado lá, eu ainda fui de navio naquela época.<sup>120</sup>

Naqueles “bons tempos”, tônica de sua narrativa, fotografias da estadia no exterior eram enviadas pelo correio tradicional ou eram trazidas ao Brasil somente após o retorno. Através da expressão dessas diferenças tecnológicas, Geraldo procura ressaltar as dificuldades que teve de enfrentar e, assim, sobressair diante da nova geração.<sup>121</sup> Naquela época, os “estagiários” permaneciam o dobro do tempo na

120 Entrevista realizada com Geraldo Vogel (nome fictício) e Rafael Huber (nome fictício), em Toledo, Paraná, em 2008, por Daiane Silva. Na ocasião, estavam presentes R. Huber, um ex-estagiário mais novo, e dois filhos de Geraldo, um que havia sido estagiário e outro que se preparava para se-lo, provavelmente tal fato fez Geraldo comparar sua experiência com as situações e experiências mais recentes.

121 Isso fica claro também através do emprego da palavra “gurizada”, derivada da palavra “guri” (rapaz), comum no Sul do Brasil, utilizada para se referir ao grupo de jovens. O sufixo utilizado homogeneiza os membros do grupo e, em certa medida, tem um significado pejorativo.

Suíça e tinham a possibilidade de se formar num curso profissionalizante. Esses fatos são representados como uma grande vantagem em relação ao programa atual.

Márcio, outro entrevistado do mesmo distrito e que viveu a primeira experiência na Suíça nos anos 1980, escolheu, para nossa pesquisa, uma fotografia muito singular, que retrata uma declaração de amor à esposa escrita na neve num dia de inverno: “[nome da esposa], eu amo você”. Como a fotografia de Pedro, com a paisagem dos Alpes ao fundo, a de Márcio sugere a presença do migrante no exterior em razão da neve. Mas, diferente daquela foto, esta foi batida com uma câmera analógica e foi meticulosamente planejada. Depois de escrever na neve, em grandes letras, sua declaração de amor, Márcio subiu num silo da propriedade onde trabalhava e tirou a fotografia. É muito simbólica a escolha da neve, algo espetacular para um brasileiro, ainda mais para expressar a saudade da esposa deixada no Brasil.

Nesse caso, a fotografia é a materialização dos sentimentos mais íntimos do migrante. Não apenas o objeto fotografado, mas a própria produção da fotografia e seu envio pelo correio expressa a saudade da esposa e também do filho recém-nascido. O complexo ato fotográfico foi um meio de lidar com essa situação difícil. Esse é um exemplo de como as fotografias podem ser mais do que suportes da memória social. Podem também ser um meio utilizado para manter relacionamentos durante a estadia no exterior e, assim, procurar ligar o presente ao futuro.

As fotografias podem ser também utilizadas para afirmar identidades grupais. Durante o trabalho de campo, pudemos adentrar no espaço doméstico de algumas famílias de “estagiários” e assim captar outras funções sociais de fotografias de migrantes. Algumas famílias guardam e mostram fotografias dos parentes no exterior a outras pessoas, incluindo a entrevistadora, como forma de mostrar o sucesso do migrante e, assim, da própria família. Frequentemente são dispostas em porta-retratos na sala de estar. Dessa forma, pre-

sentifica-se o parente ausente em seu cotidiano. Esse foi o caso de um casal entrevistado, cujo filho, no momento da entrevista, estava pela segunda vez na Dinamarca trabalhando numa propriedade rural. Antes disso, ele havia sido “estagiário” através do programa suíço. Seus pais fizeram questão de mostrar também, com grande orgulho, álbuns de fotografias do filho naqueles países ao final da entrevista.<sup>122</sup>

As famílias dos jovens entrevistados, em geral, são constituídas por pequenos proprietários descendentes de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil ao longo do século XIX e início do XX. Seus descendentes viveram diversas experiências migratórias no interior do país. No início dos anos 1950, migraram para o Oeste do Paraná em busca de terras férteis para cultivo, com o objetivo de reproduzir sua condição de pequeno produtor. Durante algumas entrevistas, essas migrações dos antepassados e seus descendentes são referenciadas ao justificarem o fato de terem conhecimento da língua alemã, embora, na maioria dos casos, ele seja muito limitado. Essas referências também denotam o desenvolvimento, nas famílias de alguns entrevistados, de “identidades migratórias transgeracionais”, fenômeno abordado por Rina Benmayor e Andor Skotnes (apud THOMSON, 2002, p. 347). A disposição de fotografia aérea da propriedade rural numa das paredes da casa dos entrevistados acima citados, prática comum entre famílias de agricultores da região desde que empresas passaram a oferecer tais serviços, permite apreender a importância dada à conquista da terra. Esse fato e a emigração dos filhos para a Europa poderiam ser vistos como um paradoxo. Mas, em relação ao casal entrevistado, a estadia do filho no exterior é vista como a confirmação de uma ética do trabalho associada ao “colono” descendente de imigrantes. Entre agricultores descendentes de imigrantes europeus no Sul do Brasil, esse termo é regido por características e valores específicos, como a dedicação ao trabalho, a produção baseada na pequena propriedade familiar e o passado comum de

122 Entrevista realizada com Valério e Maria Lenfers (nomes fictícios), em Toledo, Paraná, em 2009, por Méri Protscher.

colonizadores (SEYFFERTH, 1992, p. 80).

No início do trabalho de campo, muitos entrevistados mostram suas fotografias por iniciativa própria. Alguns eram retirados de gavetas ou já haviam sido disponibilizados anteriormente para aquele momento. Não bastava, portanto, falar sobre as experiências no exterior, queriam também “mostrá-las” e, assim, “prová-las” através de imagens. Para esses entrevistados, falar sobre a migração implicava também visualizar momentos, objetos, lugares, pessoas.<sup>123</sup> É importante ressaltar que esse comportamento certamente tem a ver com o fato de que as entrevistas foram feitas no Brasil e de que mostravam as fotografias à entrevistadora, também brasileira.

Percebemos então que incluir essas fotos no trabalho de campo poderia abrir novas perspectivas e questões, mas deveríamos refletir sobre uma metodologia apropriada. A possibilidade mais convencional, a de coletá-las e conversar sobre elas após a gravação da entrevista, nos parecia pouco frutífera, pois alguns entrevistados costumavam falar sobre suas experiências e impressões baseados nas fotografias. Percebemos que elas poderiam também ser utilizadas como “detonadoras da memória” (SIMSON, 1998).

Essa ação de mostrar fotografias durante a conversa denota a perspectiva da maioria dos entrevistados conferindo a elas um caráter de evidência, ou seja, de prova da “realidade”. Através delas se procura socializar a “realidade” do país e, assim, também justificar a emigração. Essa perspectiva é expressa de forma exemplar através da fotografia e da entrevista analisadas a seguir.

Sandro é filho de agricultores brasileiros que, assim como muitos, emigraram para o Paraguai nos anos 1970, onde compraram terras com o objetivo de melhorar de vida. Muitos deles se desiludiram e retornaram ao Brasil, sendo chamados, então, de “brasiguaios”.<sup>124</sup>

<sup>123</sup> Fotografias também são usadas por entrevistados para expressar visualmente um sentimento de pertencimento nacional, como pudemos constatar em investigação em andamento sobre imigrantes alemães no Brasil.

<sup>124</sup> Grande parte dos emigrantes brasileiros provinha do estado do Paraná. O alargamento causado pela construção da usina hidrelétrica de Itaipu, a mecanização da produção de

Sandro retornou sozinho para o Brasil, área de fronteira com Paraguai e Argentina, em 2002, iniciando logo a seguir uma história de migrações pendulares para a Áustria.

Entre as fotos mais significativas de sua experiência neste último país, destacamos, abaixo, uma foto em particular.



Figura 3 – Chegada do serviço médico de emergência (St. Gerold, Áustria)

Fonte: acervo pessoal do entrevistado

A fotografia mostra uma cena referente ao sistema de saúde austríaco que impressionou o entrevistado: a chegada de um helicóptero para atender a um paciente que havia acabado de sofrer um infarto. A cena ocorreu na pousada situada na propriedade na qual o entrevistado/fotógrafo trabalhava.

A imagem faz mais do que documentar uma cena espetacular. Ela estabelece um diálogo com a falta de assistência médica cotidiana sentida e relatada pelo entrevistado durante os anos vividos no Paraguai. Os significados daquele evento para quem decidiu abandonar

soja e a consequente concentração de terras fizeram com que muitos pequenos agricultores procurassem terras mais baratas no Paraguai.



nar esse país exatamente por conta dos problemas sociais e econômicos são assim expressos na entrevistista, ao interpretar a fotografia: “Se tivesse uma ambulância no local, sabe, com UTI, uma coisa para ser transportado, [mas] não tem nada. É uma vila [...]”<sup>125</sup>

Outros trechos oferecem mais elementos para compreender os motivos da fotografia, os significados atribuídos a ela e o porquê de tê-la escolhido para mostrar à entrevistadora. Além de ser uma “prova” das melhores condições de vida na Áustria, serviu para justificar a si mesmo e à entrevistadora a sua saída do Paraguai e suas constantes migrações a trabalho para aquele país, mesmo após seu casamento no Brasil e o nascimento de seu filho. Para ele, o trabalho no exterior é uma forma mais rápida de acumular dinheiro para a família.

Interessante salientar que meses depois da entrevista, quando Sandro afirmou não querer mais retornar à Europa em razão da família e da constituição de uma pequena empresa, tornou a emigrar, dessa vez para a Suíça. Isso mostra o caráter volátil da permanência num lugar, próprio das migrações pendulares, vividas por sujeitos que negociam cotidianamente as possibilidades de vida e de trabalho, conforme as situações socioeconômicas do país de origem e de destino.

A fotografia e o relato oral anteriormente analisados nos lembram que “todos os discursos são ‘localizados’”, como acentua Stuart Hall (1996, p. 68). Segundo o mesmo autor: “Todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e um tempo particulares, desde uma história e uma cultura que nos são específicas. O que dizemos está sempre ‘em contexto’, posicionado” (HALL, 1996, p. 68). A produção de um discurso da diferença, nesse caso expresso visualmente e oralmente, processa-se em diálogo com as experiências vividas no Paraguai e no Brasil, marcadas pela falta e/ou precariedade de assistência médica e hospitalar e dificuldades de transporte. Aquela imagem, por-

tanto, nos permite refletir sobre a capacidade da linguagem visual em expressar o estranhamento/maravilhamento sobre o “outro” e, ao mesmo tempo, revelar aspectos do universo do qual provém o migrante. A fonte oral nos permite “ver” o não visível na fotografia e, assim, perceber com maior profundidade os significados da cena.

A fotografia analisada não foi produzida a partir do mero ato de ver, mas do ato de olhar, o qual configura outro campo de significação, segundo Sérgio Cardoso. Para o autor, o ato de olhar “percruta e investiga, indaga a partir e para além do visto” (CARDOSO, 1988, p. 348). A descrição da fotografia feita por Sandro nos mostra que ela pode ser entendida como uma reflexão sobre suas condições de vida no passado, suas circunstâncias de vida no momento da produção da fotografia e suas perspectivas para o futuro. Ela é menos uma tentativa de representação do “outro” e mais uma forma de reflexão sobre a condição do seu autor. Em outras palavras, pode-se dizer que as fontes orais e visuais dos trabalhadores brasileiros entrevistados nos falam muito mais sobre como se posicionam diante das experiências vividas do que sobre as “realidades” dos países de destino.

A escolha do tema a ser fotografado no exterior varia conforme uma série de razões. A interconexão entre fontes orais e fotografias já durante o trabalho de campo pode ajudar a melhor capturar esses fatores. Podemos perceber a influência dos universos socioeconômicos e culturais dos quais provêm os migrantes, assim como suas próprias expectativas com a migração.

Como sugerido por Luciana Bittencourt (1998), nos parece plausível combinar dois modos de interpretação de fotografias: o “modo documentário” e o “modo reflexivo”. O primeiro “considera a informação que pode ser apreendida por meio da análise de conteúdo da imagem, servindo como uma fonte de dados sobre outros universos culturais e sobre o contexto histórico no qual a fotografia foi criada” (BITTENCOURT, 1998, p. 200). O segundo, “considera a fotografia como um meio para elucidar as representações criadas pelo sujeito cognoscível no trabalho de campo e as estratégias discursivas usa-

125 Entrevista com Sandro Baler (nome fictício), em Marechal Cândido Rondon, em 2008, por Méri Frotscher.

das na construção de um conhecimento sobre o “outro” (BITTEN-COURT, 1998, p. 200-201). A análise do processo de elaboração da fotografia nos permite entender o olhar, a visão de mundo e o universo cultural do seu autor. Ela permite captar não apenas a mensagem literal, mas também a mensagem cultural da fotografia.

O relato oral pode nos auxiliar a captar a mensagem cultural da fotografia. Nesse sentido, a perspectiva da história oral, preocupada com a construção e a atribuição de significados aos fatos (PORTELLI, 1996), se aproxima da pesquisa baseada em imagens, preocupada não unicamente com o seu caráter documentário, mas também com o processo imagético e a atribuição de significados produzidos pelos atores sociais.

O helicóptero que aparece na fotografia anterior é um símbolo das carências vividas pelo migrante no Paraguai. A foto demonstra seu descontentamento em relação à sua vida nesse país e também no Brasil. Suas experiências nos três países o fazem comparar os modos de trabalho e de vida e apontar suas diferenças em diversos momentos da entrevista. A escolha da fotografia demonstra como esses pensamentos o acompanhavam há muito tempo e como o abandono da vida no Paraguai ainda o comovia. As diferenças socioeconômicas também entre Brasil e Áustria constituem a razão de suas migrações pendulares e a fotografia, assim, seria a “prova” de que as condições materiais de vida seriam melhores “lá” do que “aqui”.

A estadia no exterior resulta na produção de artefatos visuais que têm, para a maioria dos migrantes, estatuto de “realidade” fotografada, mesmo que a imagem fotográfica produza “uma síntese entre o evento representado e as interpretações construídas sobre ele” (BITTEN-COURT, 1998, p. 199). Por conta disso, as fotografias nos parecem fontes significativas para investigações preocupadas em discutir as representações sociais do “outro” e de si em movimentos migratórios.

Mesmo que a maioria dos entrevistados que trabalharam na agropecuária na Europa provenha de uma região onde predominam atividades do mesmo ramo, todos mencionaram diferenças entre

as formas de viver, habitar e trabalhar. Pareceu-nos curioso o fato de Márcio, citado anteriormente, e Atalides, ambos do mesmo distrito e ex-“estagiários” na mesma propriedade suíça, mas em épocas distintas, terem feito fotografias do mesmo motivo para expressar a mesma ideia.

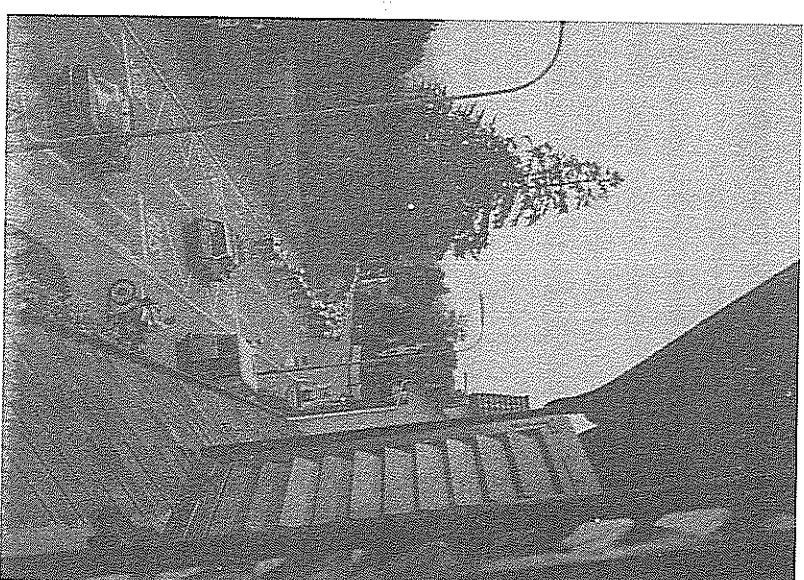


Figura 4 – Passagem da Tour de France (Amriswil, Suíça)  
Fonte: acervo pessoal do entrevistado

Tiradas do mesmo lugar, as fotografias captam a imagem vista da janela do quarto de dormir. Uma delas, a acima, captura o momento em que ciclistas da Tour de France acabavam de passar em frente à casa dos ex-patrões. Na outra fotografia, não se veem os ciclistas, mas a perspectiva é a mesma. Ambas, enviadas a parentes, expli-

tam o desejo de socializar imagens do novo local de moradia. Elas demonstram também que, mesmo naquela propriedade de produção agropecuária, a rua é asfaltada e sinalizada, algo muito diferente da realidade no local de origem no Brasil, onde tais elementos de infraestrutura são pouco comuns. A passagem da Tour de France deixa isso ainda mais evidente. Assim, ambas as fotografias expressam duas ideias de inferioridade: a do Brasil como inferior à Suíça e a de área rural como inferior à área urbana.

Todos esses exemplos indicam que fotografias de migrantes podem ter as mais diversas funções. Como visto, elas podem ser suporte da memória individual e veículo de expressão de expectativas, sentimentos, posicionamentos e conquistas pessoais. Elas podem servir para a manutenção de laços familiares e sociais. Elas também são capazes de reproduzir a migração através da marcação de diferenças socioeconômicas e técnicas, como será visto a seguir.

Especialmente os entrevistados que participaram do programa na Suíça e que migraram há mais tempo destacaram as diferenças tecnológicas em relação ao Brasil ao fotografar cenas e ambientes de trabalho. É o caso de Atalides, que em uma de suas primeiras estadias na Suíça, nos anos 1990, fotografou o computador usado para programar a preparação da ração animal. Outro entrevistado, Edilmo, que esteve naquele país nos anos 1980, acentuou também na entrevista as diferenças técnicas nas formas de trabalhar percebidas na época em que migrou e, sobretudo, o aproveitamento dos recursos naturais: "Eles [...] adubam bastante a terra, eles não perdem uma grama de estercor, eles não jogam nada fora, eles [...] aproveitam tudo."<sup>126</sup>

Outros retornados como Edilmo continuam destacando a Suíça como um país de alta tecnologia na agricultura, contribuindo para a reprodução da migração em sua comunidade. Nós o conhecemos durante o processo de seleção em 2007, quando acompanhou um

sobrinho candidato ao programa.

Mesmo os entrevistados mais novos, já acostumados com o trabalho mecanizado no Brasil,<sup>127</sup> buscaram destacar máquinas ou procedimentos mais avançados em suas entrevistas e fotografias. Candidatos brasileiros se apropriam dessa imagem, também usada pela Agroimpuls em seu material de divulgação, para reivindicar uma vaga do programa. Em curtas entrevistas realizadas simultaneamente ao processo de seleção, os candidatos nos salientaram querer aprender novas tecnologias, mas os principais motivos são economizar dinheiro e adquirir experiências de vida.

Fotografias de migrantes são um meio utilizado para aproximar espaços geográficos distintos. Elas fazem parte também de um processo de descoberta do novo local de moradia. Através delas o migrante procura se apropriar do novo espaço e, dessa forma, transformá-lo em "lugar", no sentido antropológico do termo. Entretanto, para muitos migrantes temporários, o tempo e o tipo de estadia (legal ou ilegal) e de ocupação profissional, assim como outros fatores, não lhes permitem fazer do local de destino um "lugar" isento de estranhamentos. Para evitar a extradição, entrevistados afirmaram ter evitado se expor demasiadamente em público e demonstraram ter tido dificuldades de estabelecer, livremente e sem receios, contato com autóctones.

A fotografia abaixo, escolhida por Valdir, o qual trabalhou ilegalmente na Áustria, foi tirada com o objetivo de demonstrar as diferenças culturais percebidas pelo seu autor.

126 Entrevista realizada com Edilmo Bahr (nome fictício), em Marechal Cândido Rondon, em 2007, por Méri Frotscher.

127 A produção agrícola no Oeste do Paraná foi mecanizada a partir dos anos 1970 e, desde então, a região absorve novas tecnologias e é uma das maiores produtoras de soja e milho do país.

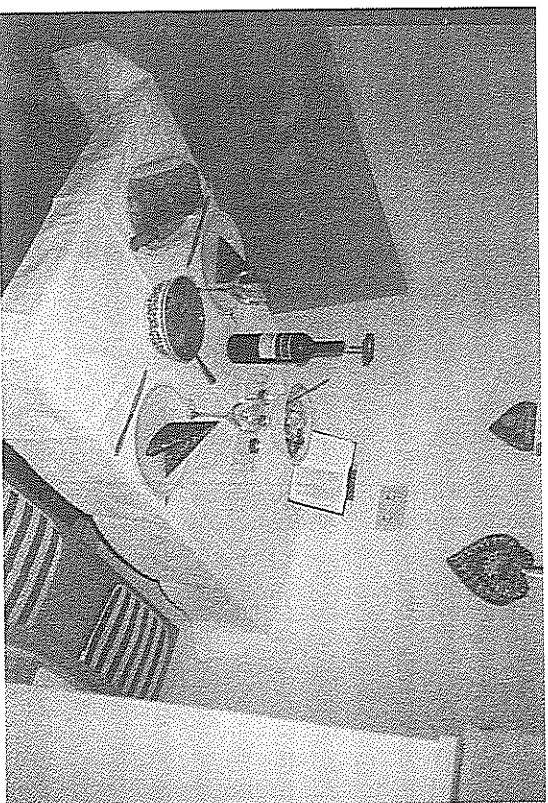


Figura 5 – Ceia de Natal (Au, Voralberg, Áustria, 2005)

Fonte: acervo pessoal do entrevistado

Na foto, vemos uma mesa arrumada para um jantar no dia do Natal. A comida, o vinho, os talheres, a Bíblia, assim como os *Lebkuchen* (broa de mel com especiarias, especialidade da época do Natal) na parede, foram dispostos pelo patrão, dono de uma padaria, como uma pequena surpresa ao empregado que naquela noite passaria o Natal longe da esposa e das duas filhas. Naquele dia tão especial para muitas famílias cristãs, Valdir estaria acompanhado apenas de um colega brasileiro, em situação similar. Na entrevista, ele esclarece por que tirou a fotografia. O gesto inesperado do patrão e a mesa arranjada lhe chamaram a atenção. Segundo ele, sua família não tinha o hábito de comer numa mesa especialmente arrumada na noite de Natal. A imagem destaca, na sua visão, uma diferença nacional muito particular.

A partir da perspectiva limitada de um imigrante temporário ilegal, Valdir relata essa diferença e assim constrói uma ideia generalizante dos austríacos. Tais generalizações, presentes também em outras entrevistas, são construídas através da referência ao pronome

“eles”. Diferenças econômicas, de classe e de educação, entre outras, muitas vezes não são levadas em conta. Frequentemente situações são interpretadas de forma simplificada como diferenças nacionais.

A importância dada à fotografia no momento da entrevista também tem a ver com o remorso sentido em relação ao ex-patrão, o qual, segundo o entrevistado, não sabia de sua documentação falsa. Oito meses depois de sua entrada na Áustria, inesperadamente, Valdir foi extraditado, momento em que seu patrão finalmente teria tomado conhecimento de sua situação ilegal no país. Assim ele explica na entrevista:

Foi lá na casa do patrão que eles me pegaram. Eu estava dentro do quarto. Olha, eles [o patrão e sua família] levavam a gente aqui [na mão – Valdir gesticula]. Chegou um ponto que ele começou a chorar, desandou a chorar, de pena que eu ia embora, sabe? Porque a gente era tudo [pra ele], trabalhador. Porque a gente vai lá pra ganhar dinheiro, não é? Então tem que... pra mim não importava quantos serviços eu iria ter, as horas que eu iria ficar lá, eu queria ganhar dinheiro.<sup>128</sup>

Esse trecho demonstra como a situação de ilegalidade lhe causou dilemas morais. Todos os migrantes entrevistados sofreram ao viver longe da família, mas os que estavam em situação legal tinham a possibilidade de se integrar sem receios à sociedade de destino. Sobretudo no caso dos “estagiários”, o programa visa estimular sua integração à família dos empregadores.<sup>129</sup>

No caso de muitos imigrantes ilegais entrevistados, entretanto, essa compensação permanece bloqueada ou dificultada. Para Valdir,

128 Entrevista realizada com Valdir Alberto Becker (nome fictício), em Marechal Cândido Rondon, em 2007, por Méri Frotscher.

129 No programa da Agroimpuls, por exemplo, os “estagiários” devem morar com as famílias dos proprietários, o que os ajuda de certa maneira a estabelecer contatos mais intensivos ou mesmo amizados. Alguns dos ex-patrões chegaram a visitá-los depois no Brasil. Um dos ex-estagiários casou com uma suíça e Márcio, entrevistado citado anteriormente, convidou um amigo suíço para ser padrinho de seu filho.

por exemplo, um contato mais próximo e aberto com seu patrão lhe parecia impossível por causa dos papéis forjados. Era complicado, para ele, lidar com esse conflito moral insolúvel, o que tornou sua estadia difícil, ainda mais após ter constatado a reação do patrão ao ser descoberto pela polícia. Na retrospectiva, durante a entrevista, o constrangimento em não poder revelar sua situação lhe comove emocionalmente mais do que o relato de sua extradição.<sup>130</sup>

Na prática da história oral, assumimos que o passado sempre é reinterpretado no momento da entrevista. Durante o processo de rememoração, a reconstrução dos “fatos” combina passado, memória e interpretação, os quais sempre se encontram entrelaçados. Constatção similar pode ser considerada na interpretação de relatos baseados em fotografias.

Momentos marcantes no passado muitas vezes são fixados através de fotografias. Elas podem confirmar ou mesmo construir memórias individuais e coletivas. Fotografias podem constituir a base para determinadas interpretações do passado, o que não quer dizer que elas não possam ser ressignificadas mais tarde. No caso acima, deve-se distinguir dois diferentes momentos. O primeiro está no passado, quando a fotografia foi tirada. Naquela ocasião, o motivo da fotografia foi associado a uma suposta diferença cultural e nacional. O segundo é o momento da entrevista, quando Valdir explica e reinterpreta a situação fotografada. Nessa oportunidade, ele justifica não ter revelado sua situação ilegal ao patrão em razão de seu firme propósito de ganhar dinheiro a qualquer custo, um objetivo que ele relativiza durante o resto da entrevista. Na época da entrevista, a distância temporal e geográfica o faz observar a situação a partir de

130 O principal objetivo dos imigrantes ilegais entrevistados era acumular dinheiro para investir no Brasil. Valdir, por exemplo, vendeu um terreno para poder pagar os papéis falsos, cerca de R\$ 3.800,00, e os custos da viagem. Trabalhadores ilegais são mais frequentemente e facilmente passíveis de exploração. São em geral mal pagos e não têm chance de se defender perante o empregador. Muitas vezes não é fácil receber o dinheiro investido. Uma extradição é muito cara e para aqueles que não trabalharam o suficiente para pagar os custos do voo e dos papéis, a ruína financeira. Além disso, a extradição pode causar problemas legais, os quais bloqueiam o retorno por um determinado período.

uma nova perspectiva, a ponto de representar seu projeto de vida no passado como “uma loucura”. A amizade com o seu ex-patrão e o constrangimento em relação à situação são a tônica de um dos momentos mais comovedores, quando ele se refere à fotografia e não às diferenças entre ambos os países.

A migração ilegal pode levar a outros problemas emocionais com resultados mais drásticos. Alguns entrevistados relataram que o medo permanente de serem pegos pelas autoridades os levou a problemas emocionais. Em entrevistas, alguns caíram em lágrimas, outros também falaram da vontade de se submeter a tratamento psicológico.

Os problemas ligados a uma estadia ilegal obviamente influenciam a percepção do “outro”. Através da pesquisa, percebemos que a migração temporária ilegal pode levar a uma ênfase maior das diferenças ou a uma visão mais superficial ou mesmo distorcida da sociedade de destino. Tais perspectivas podem ser compreendidas, pelo menos em parte, se levadas em conta as dificuldades de integração. O sentimento de insegurança, consequência da estadia ilegal, pode restringir os contatos sociais com nativos. Em razão das condições da estadia, diversos entrevistados afirmaram procurar se aproximar de outros brasileiros em igual situação. Com os seus conterrâneos, afirmaram sentir-se mais seguros e confortáveis. Mas restringindo seus contatos aos conterrâneos permanecem *outsiders* e dificilmente conseguem olhar “por dentro” da sociedade de destino.

O tipo e a recorrência de fotos do “outro” depende, tanto para os migrantes legais como para os ilegais, da duração da estadia. As primeiras normalmente focalizam mais as diferenças e revelam mais os estranhamentos e surpresas. Com o tempo esse tipo de foto “de turista” rareia, à medida que o migrante vai se acostumando com o novo meio.

No caso da maioria dos entrevistados, as condições e a longa jornada de trabalho limitam seu tempo para lazer e turismo. Em geral suas fotografias focalizam cenas do trabalho, da casa e da paisagem

da região onde moram. Sobretudo os “estagiários” mostraram ter tirado muitas fotos do ambiente de trabalho, uma especificidade desse tipo de migrante mais especializado e interessado no aperfeiçoamento profissional. Entre eles também a recorrência de fotografias feitas durante viagens com fins turísticos foi relativamente maior que entre os migrantes ilegais entrevistados. Estes últimos afirmaram limitar seu raio de deslocamento por causa da advertência dos mediadores em não atravessar fronteiras nacionais ou não se expor a outras situações que pudessem facilitar a descoberta de sua condição de ilegal no país. Uma simples *blitz* pode lhes custar a extradição. Muitos relataram evitar situações em que teriam que mostrar seus papéis ou mesmo contatos que poderiam lhes obrigar a revelar sua verdadeira identidade. Esse permanente medo é assim expresso por Valdir: “Ah, [eu me sentia] sempre com o pé atrás. [...] é que nem o cara fugir da cadeia”. Os riscos foram confirmados em 2006, quando muitos brasileiros do Oeste do Paraná foram descobertos pela polícia e extraditados da Áustria.<sup>131</sup>

Apesar de não podermos detalhar essas considerações neste artigo, acreditamos que comparar elementos da migração legal e da ilegal bem como observar a influência da duração da estadia podem demonstrar outros aspectos interessantes sobre a construção de imagens do “outro”.

#### Considerações finais

Neste artigo, procuramos mostrar algumas possibilidades metodológicas utilizadas na interconexão entre fotografia e história oral no trabalho de campo. Usar ambas as fontes conjuntamente pode levar a uma compreensão mais complexa e aprofundada das experiências, sentimentos e expectativas de migrantes. Como visto, alguns entrevistados associaram intuitivamente fotografias aos seus relatos de história de vida, ao dispor previamente fotografias para a entre-

vista, como forma de “mostrar” suas experiências no exterior. A interconexão entre fontes orais e fotografias possibilita acompanhar o complexo processo de construção de autorrepresentações e imagens do “outro”.

A interconexão de fotografia e história oral resulta em algo mais do que uma soma de possibilidades, abre novas problemáticas e perspectivas. Entendemos que esses aportes metodológicos são válidos não apenas para estudos migratórios, mas também para outras pesquisas dedicadas à história oral e à fotografia.

Este estudo de caso procurou levantar aspectos relevantes sobre fotografia e seus significados para os migrantes. Analisar migrações internacionais contemporâneas com base em fotografias seria impossível sem levarmos em conta o progresso tecnológico, a revolução digital e a globalização. Fotos enviadas por *e-mail* e disponíveis em redes de relacionamento sociais, salas de discussão e outras possibilidades de comunicação da internet criaram novas formas de sociabilidades e constituem ainda um desafio para a pesquisa científica. Mas elas apontam para alguns problemas em relação ao seu uso. O perigo de invasão da esfera privada e a possibilidade de manipulação nos lembram dos cuidados e limites de seu uso. Outro problema se refere à enorme massa de fotografias e à sua disponibilização por tempo não determinado. Em que pese isso, o tema deve ser considerado, e não apenas pelos estudos migratórios, uma vez que tais imagens têm feito cada vez mais parte de nossa vida cotidiana.

#### Referências

- BARTHEs, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BITTENCOURT, Luciana. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LETTE, M. L. M. (Org.). *Desafios da imagem: iconografia, fotografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

131 As deportações foram noticiadas em uma série de reportagens de um jornal local (O PRESENTE, 2006).

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FROTSCHER, Méri. *Do Oeste do Paraná rumo à Europa: emigração, memória e identidades* (2007-2008). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2007. (Projeto de pesquisa.)

FROTSCHER, Méri. Experiências de fronteira: memórias de migrantes brasileiros retornados da Áustria. In: DUARTE, G. R.; FROTSCHER, M.; LAVERDI, R. *História, práticas culturais e identidades: abordagens e perspectivas teórico-metodológicas*. Cascavel: Edunioeste, 2008a.

FROTSCHER, Méri. *Migrações e outros deslocamentos no Oeste do Paraná: outros enfoques e perspectivas* (2008-2010). Marechal Cândido Rondon: Unioeste-SETI; Curitiba: Fundação Araucária, 2008b. (Projeto de pesquisa.)

FROTSCHER, Méri. Trabalhadores brasileiros, brasileiros trabalhadores: ressignificação da identidade étnica entre emigrantes de origem rural (Oeste do Paraná – Suíça, 1970-2008). *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 20, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

O PRESENTE. *Legais na Áustria: rondonenses presos devem ser deportados na terça*. *O Presente*, Marechal Cândido Rondon, ano 14, n. 1780, p. 4, 12 fev. 2006.

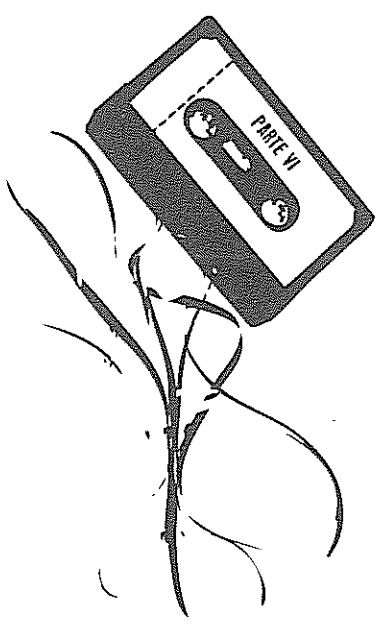
PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 18, ano 7, p. 78-95, fev. 1992.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne G. (Org.) *O fotográfico*. São Paulo: HUCITEC/CNPq, 1998. p. 21-34.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral nos estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.



HISTÓRIA ORAL, ENSINO E DIFERENÇA